

ATRAVESSAMENTOS E VIVÊNCIAS DENTRO DE UMA INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Leonardo Batista dos Santos ¹
Monica Silva Aikawa ²
Caroline Barroncas de Oliveira ³

Dentre os muitos estudos que temos na Universidade, nem todos nos atravessam deixando suas marcas. Especialmente no curso de licenciatura em Pedagogia, alguns se voltam para a área da psicologia, sociologia, antropologia, metodologias e vão delineando (determinando) uma linha de pensamento e o modo como trabalharão com seus futuros estudantes. Outros se prendem a entrelaçamentos com as pessoas, suas vidas e, assim, cada um se cativa, se afeta por aquilo que mais gosta.

Neste resumo expandido, buscamos discutir os atravessamentos dos estudos produzidos e vividos em um Projeto de Iniciação Científica realizado na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) que teve como eixo principal, o autor e filósofo Michel Foucault. Nele tratamos conceitos como o cuidado de si, as heterotopias e experiência no viés da Filosofia da diferença. Essa filosofia nos mobiliza em conteúdo e forma da própria pesquisa, com a qual tivemos estudos bibliográficos, realizamos leituras de artigos e livros, fichamentos e momentos coletivos de estudos no Grupo de Pesquisa Vidar em In-Tensões, tendo a escrita como apoio de nossas compreensões, vivências e atravessamentos.

Entre as formas de produzir conhecimentos e estudos que a Universidade nos proporciona enquanto discentes, podemos dizer que a Iniciação Científica se constitui em uma das mais divertidas, vivas e sensível. Esse PAIC/FAPEAM (Projeto de Apoio à Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas), ocorreu durante o período de 2022 e 2023, com duração de um ano. Este projeto se voltou para os estudos sobre o cuidado de si foucaultiano em vieses da Filosofia da diferença.

Dentre os temas estudados, individual e coletivamente fomos atravessados pelo cuidado de si, as heterotopias e a ideia de experiência foucaultianos. Criamos conexões, identificações em cada um deles, reconhecemos em nossas raízes acontecimentos que sempre existiram e agora encontramos uma fundamentação teórico-epistêmica.

O cuidado de si (Foucault, 2010) foi um atravessamento, pois trabalha com a questão da subjetividade, com a hermenêutica do sujeito que é singular e ao mesmo tempo coletiva, o

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, lbd.ped21@uea.edu.br

² Professora de Universidade do Estado do Amazonas - UEA, maikawa@uea.edu.br;

³ Professora de Universidade do Estado do Amazonas - UEA, cboliveira@uea.edu.br

que percebemos como contraditório. Cuidado de "si", remete a um aspecto de individualidade, isolamento e egoísmo, porém, durante nossos estudos percebemos outro funcionamento, pois este se faz essencial na vida de todas as pessoas.

Pensemos da seguinte forma... Imaginem que primeiramente, o cuidado de si é uma forma de ocupar o mundo, são nossas atitudes diante de situações comuns, com um olhar crítico de si e livre de suas correntes preconceituosas. E em seguida, com a ideia de experiência em Foucault, vem as mudanças de atitudes, onde ao pôr em prática o seu olhar do cuidado de si, você normaliza essa maneira de agir perante a diversidade, as pessoas, o coletivo e a exterioridade. Logo, se arquiteta aquele gatilho inicial para o alcance da liberdade.

Podemos também trazer o cuidado de sim como uma relação entre pessoas e coisas, Foucault (2010) nos apresenta que nesta relação há um mestre e um discípulo, ressalta que não se trata de uma relação hierárquica e com diferença de poderes, mas de uma relação mútua entre ambos. O mestre não cuida de seu discípulo diretamente, mas indiretamente, pois em um ato de puro amor, o mestre cuida do cuidado do discípulo consigo mesmo, a fim de alcançar sua autonomia.

Na iniciação científica, alinhamos essas ideias às questões educacionais e nesses personagens pudemos ver a beleza: é lindo quando trazemos para a relação educacional entre professor e estudante. Quando estamos em sala de aula como professores, buscamos fazer o máximo pela turma. Quando brigamos com eles, ficamos com a consciência pesada. Quando fazemos algo divertido e diferente, nos afeta ver a felicidade deles estampada em seus rostos. Mas o que mais emociona no exercício deste professorar, é enxergá-los em sua autonomia, em sua singularidade, em suas próprias vidas.

Outro atravessamento foi o estudo sobre heterotopias (Foucault, 2013), um tópico bastante sensível com o qual nos envolvemos enquanto enfrentava lutas internas, lutos e partidas de um ente querido. E por ser uma obra foucaultiana tão sensível, nos identificamos mais, pudemos experimentar lugares heterotópicos em nosso cotidiano.

Destacamos que essa obra não fazia parte da pesquisa de iniciação científica, o interesse se deu durante o caminhar em meio os objetivos específicos, a partir de um outro artigo e se deu o atravessamento, de tal maneira saltou aos nossos olhos. As heterotopias foucaultianas nos rodeiam e estamos a todo momento nos movendo entre elas.

Não se trata de utopias, não são lugares imagináveis, com fantasias e irrealidades, sem existência em nosso mundo real, visto que as heterotopias são lugares imagináveis, fantasiosos e irrealis, existentes e sentidos por nós como lugar de (re)existências de si.

E como pode? Ser um lugar fantasioso e irreal... Como pode tal lugar ser um quarto ou um jardim? Entendemos que daí se dá a heterotopia, com as nossas experiências. O sujeito atribui diferentes significados a diferentes lugares. Há aqueles lugares em que, devido a uma determinada experiência mudou seu ponto de vista perante o espaço, seja ela boa ou ruim. São espaços-experiências dentro de estruturas estabelecidas e ao mesmo tempo fora delas, dado que o pensar-sentir extrapola os limites espaciais do lugar, são “espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos” (Foucault, 2013, p.20).

Durante o desenvolvimento neste estudo, pudemos identificar uma heterotopia no jardim de casa, vivemos incríveis e memoráveis momentos com minha mãe e em decorrência de sua perda precoce, o singelo jardim tornou-se valioso. Não por possuir flores raras e plantas diversificadas, mas por ser imerso em sentimentos, memórias, vidas.

Esse atravessamento potente de um estudo teórico foi tão significativo que resultou em uma poesia dedicada ao jardim de minha mãe. E isso que é o engraçado das heterotopias, pois para qualquer um que passe em frente à nossa casa, enxerga apenas um jardim, verde, vermelho, amarelo e roxo, e ao mesmo tempo este lugar heterotópico floresce em liberdade, em espaço absolutamente outro.

Escolhi o conceito de experiência para concluir este resumo, pois se faz presente em toda produção. A experiência para Foucault pode ser entendida como o gatilho de mudança, quando nos deparamos com algo tão significativo, que mudamos nosso olhar, nosso modo de pensar, sentir e agir (López, 2011).

Ao estudar esse outro conceito foucaultiano pudemos vê-lo com o cuidado de si e com as heterotopias, ambas nos guiam, orientam e transformam nossos pré-caminhos, nos tornamos pessoas melhores, mais tolerantes, empáticas e responsáveis consigo mesmas. Isso se deve tanto aos estudos quanto aos atravessamentos em nossas experiências.

Mais do que isso, também podemos nos ver neste (im)passo durante nosso cotidiano. Quando voltamos para casa depois de um dia cansativo de trabalho, não queremos outra coisa a não ser chegar em casa, mas sempre atento aos que nos faz presente em volta da nossa jornada até o lar. Algumas vezes algo inesperado nos acontece e muda completamente nossa percepção de mundo, somos afetados, atravessados e a experiência acontece.

Há experiências que mudam nossa percepção de vida por completo, como o nascimento de um filho ou talvez a perda de alguém especial, vivenciar uma pandemia onde centenas de milhares de pessoas perderam suas vidas. Para alguns, a pandemia foi apenas uma época de isolamento e trabalho remoto, para outros foi um verdadeiro pesadelo, com perdas

de entes queridos, pais, mães, filhos, tios, e tudo isso é experiência em Foucault.

Por isso fomos atravessados pela experiência, ela é algo único, singular e plural para cada um. É individual, por mais que todos nós passemos pelo mesmo evento ao mesmo tempo, os significados que atribuímos a elas são diferentes. Às vezes parecidos, nunca iguais. Logo digo, este PAIC de fato nos foi uma boa experiência, nos ajudou, nos transformou, nos fez mudar enquanto pessoas, estudantes, pesquisadores, professores e pedagogos.

Palavras-chave: Iniciação científica; Cuidado de si; Experiência; Heterotopias; Foucault;

Referências

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: Edições n-1, 2013.

LÓPEZ, M. V. O conceito de experiência em Michel Foucault. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p. 42-55, jul./dez. 2011.